



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Notadamente a “photographia” esta incluída no rol de artigos vindos de Paris, logo, era símbolo de bom gosto e possuir uma trazia distinção no meio social. Tanto que nesse período vê-se o aparecimento de vários ateliês fotográficos, logo, subentende-se que havia um público ávido por consumir esses produtos e utilizar os serviços oferecidos por estes profissionais.

Dias antes, o Commercio do Amazonas já anunciava a chegada de novos fotógrafos à cidade. Estes profissionais em sua maioria itinerantes, passando de localidade em localidade vendendo seus produtos e serviços. O anúncio que ocupava um espaço significativo na página 4 do jornal tinha por título “Retratos” e seguia detalhando o que era oferecido ao público:

Os photographos Verlangieri & Mayer, chegados a esta capital ultimamente no vapor *Javary* pertendem começar os seus trabalhos no domingo 23 do corrente mez. Portanto, convidam ao respeitável público a visitarem sua galeria onde encontraram uma bunita colleção de retratos de todos os tamanhos, gostos e sistemas até hoje conhecidos. Ao mesmo tempo communição que sua estada nesta capital não será mais que noventa dias, visto que tem que seguir viagem para o Rio Madeira. Seu estabelecimento, á Rua Barroso, n° 5²⁰⁸.

Tanto Feliciano Verlangieri, quanto o seu sócio possuíam vasta experiência no ramo. O primeiro, quando chegou ao Amazonas já havia oferecido no ano de 1870 seus serviços na Província do Mato Grosso²⁰⁹. Quatro anos depois, já em Cuiabá, anunciava a venda de mobílias que anteriormente compunham seu estabelecimento no local. Quando se associou a Meyer (que também já tinha uma prática no ramo), esteve no Pará e após sua passagem pelo Amazonas, voltou a oferecer seus serviços em Belém²¹⁰.

O estabelecimento apresentado no anúncio com sua “coleção de todos os tamanhos e gostos” demonstram a existência de um público consumidor de imagens. Lamentavelmente, não é possível identificar quem eram os retratados. Segundo Solange Ferraz de Lima: “os retratos constituíram também no Brasil o gênero mais comercializado da fotografia no século XIX”²¹¹. Certamente, as madames locais desejavam ter suas salas

²⁰⁸ Commercio do Amazonas. 29 de maio de 1880, p. 4.

²⁰⁹ KOSSOY, Boris. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 316.

²¹⁰ *Idem*, p. 317.

²¹¹ LIMA, Solange Ferraz de. “O circuito social da fotografia: Estudo de Caso – II”, in FABRIS, Annateresa



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

de estar decoradas com retratos de personalidade importantes, emoldurados com materiais de primeira qualidade. Isso quando não era a própria senhora a retratada. Mas, como atesta o anúncio, Verlangieri & Mayer não estão oferecendo os serviços de confecção de retratos. Eles propõem a venda de “retratos de todos os tamanhos e gostos”. E não resta dúvida de que, haveria quem se agradasse de algum deles.

Virando a página de anúncios, a atenção se volta agora para o noticiário. O diário vespertino Comercio do Amazonas faz um extenso agradecimento ao Diário do Gran-Pará pelo envio de um exemplar em homenagem ao centenário do poeta português Luis de Camões. A notícia além de agradecer, informa que é possível adquirir o material em alguns pontos de vendas:

Fomos obsequiados pelo nosso colega do Diário do Gran-Pará com um exemplar de sua edição de 10 do corrente, que contem a offerta d’aquelle jornal ao tri-centenário do grande épico portuguez Luiz de Camões, que consiste na photographia do poeta rodeado dos importantes escriptos relativos a sua vida. Agradecemos a oferta²¹².

De acordo com a descrição dada pelo redator, é perceptível que se tratava de um retrato onde os escritos do poeta compunham o cenário de fundo. Não é possível precisar qual o sistema usado para fazer tal montagem. Provavelmente, a litografia constitui o meio pelo qual seria possível chegar a tal resultado.

A litografia foi uma técnica inventada em 1789 por Alois Senefelder²¹³ que primeiramente consistia em utilizar a superfície plana de uma pedra, nela gravava-se desenhos ou caracteres e depois reproduzia-se essas informações no papel. Com o aperfeiçoamento da técnica, a pedra foi substituída por placas de zinco ou alumínio, melhorando a reprodução do que estava gravado.

Após o agradecimento, o grande público é convidado a desfrutar de tal relíquia e outro obrigado é dado, agora ao Diário do Maranhão, que recebe um elogio pela qualidade da publicação:

Acham-se a venda iguais photographias na casa comercial do Sr. Claudino Manuel Velloso, e na pharmacia do Sr. Joaquim Anselmo Roiz

(orgs.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 61.

²¹² Comercio do Amazonas. 29 de junho de 1880, p. 1.

²¹³ FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona: Gustavo Gili, 2008, p. 8.



30 ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Ferreira a Rua Brasileira. Também recebemos do colega do Diário do Maranhão, igual oferta, em edição nitidamente impressa. Agradecemos igualmente a oferta²¹⁴.

Notadamente, a venda de artigos fotográficos não era exclusividade dos ateliês especializados, posto que as fotografias do poeta português estavam disponíveis tanto no comércio, quanto na farmácia da Rua Brasileira. Notadamente, tanto o diário paraense, quanto o maranhense utilizaram o mesmo retrato, mas o Diário do Maranhão mereceu o destaque do jornal local por possuir uma melhor qualidade na impressão.

Diante do exposto, fica claro que os jornais procuram promover seus nomes para além da sua praça de circulação e possuir uma “edição nitidamente impressa” constitui um meio pelo qual é possível adquirir destaque entre seus pares e principalmente, atrair o público leitor, bem como o público que não dominava a leitura, devido ao uso de imagens em suas publicações.

A imagem como parte da notícia: primeiros ensaios

Dominar a técnica de impressão de imagens significa estar à frente do jornal concorrente, pois as imagens, para além da ilustração, conforme adverte Martine Joly, possui características marcantes que levam ao fascínio de quem a contempla:

Imitadora, para um, ela engana, para outro educa. Desvia da verdade ou, ao contrário, leva ao conhecimento. Para o primeiro, seduz as partes mais fracas de nossa alma, para o segundo, é eficaz pelo próprio prazer que se sente com isso²¹⁵.

Assim sendo, os jornais que no princípio marcadamente eram textuais, começam a ensaiar o uso de ilustrações, o que possibilita tornar próximo o que antes era distante do leitor. Marialva Barbosa esclarece essa questão ao afirmar que “as descrições e a possibilidade de ver em imagens lugares longínquos e figuras exóticas mudam gradativamente a percepção de um outro, agora visível, e antes apenas imaginado”²¹⁶.

Trazer a atenção do público leitor para as suas páginas foi e ainda é objetivo maior das publicações, sejam elas noticiosas ou de outras variedades. Logo, as folhas locais

²¹⁴ Commercio do Amazonas. 29 de junho de 1880, p.1.

²¹⁵ JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Tradução: Marina Appen Zeller – Campinas, SP: Papirus, 1996, p. 19.

²¹⁶ BARBOSA, Marialva. História Cultural da Imprensa – Brasil: 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 23.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

esforçavam-se por produzir notícias que atraíssem a atenção do povo, para isso, começaram a ensaiar o uso de imagens produzidas por processos que antecedem o uso da fotografia, tais como: “desenhos a bico de pena, que reproduzem ora o retrato do personagem enfocado, ora as construções, embarcações ou outro tipo de objeto a que a nota se referia”²¹⁷. Essa afirmação, apesar de não ser baseada no caso local, ilustra com precisão o periodismo de Manaus.

Na edição especial de 27 de agosto de 1897, no número denominado “extraordinário” o *Commercio do Amazonas* traz estampada na sua primeira página a imagem de José Pereira Guimarães, o Barão de Manáos.

O nome do Barão vem impresso em letras clássicas, em tamanho bem maior que o restante do texto. O jornal tece extensa descrição sobre a vida da personagem do dia, afirmando que a atuação José Pereira Guimarães foi “o mais poderoso factor de desenvolvimento d’esta poderosa e próspera região”²¹⁸. Na continuidade da notícia, lê-se os feitos e contribuições do Barão, que para o jornal, justifica ter o seu retrato estampado na primeira página, tornando pública a figura do homem cuja dedicação foi direcionada unicamente para o avanço da região.

A imagem de figuras públicas no jornal começa a despontar, e não é restrito a pessoas da sociedade local. No ano de 1898, na primeira página²¹⁹ vê-se o desenho de quem é denominado pela folha como sendo “Emilio Zola”. O texto, logo abaixo da imagem informa: “Estampamos hoje o retrato do grande romancista francez Emilio Zola, que tanta agitação provocou em torno do seu nome na importante questão Dreyfus”²²⁰. Era uma edição de domingo e a questão que se coloca, é esse interesse em uma questão externa a cidade, que acontecia a quilômetros de distância do estado. Talvez, isso possa ser justificado devido ao desejo local de manter-se informado sobre o que acontecia no mundo, ao desejo de, mesmo distante, acompanhar o desenrolar dos acontecimentos.

²¹⁷ *Idem*, p. 28.

²¹⁸ *Commercio do Amazonas*. 15 de agosto de 1897, p. 1.

²¹⁹ Geralmente, as personalidades, cujos desenhos e retratos são utilizados, aparecem sempre na primeira página do jornal.

²²⁰ *Commercio do Amazonas*. 19 de junho de 1898, p. 1.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR



Commercio do Amazonas, número extraordinário
Manaus, 15 de agosto de 1897.

O interesse é de tal proporção, que na edição do domingo seguinte, quem vem estampando a manchete de capa do jornal é o próprio Capitão Dreyfus²²¹:

Estampamos hoje o retrato do degredado da Ilha do Diabo, o infeliz official do Exercito Frances, que pelo mais odioso dos processos foi atirado ao desterro velipendiado e deshonorado. Zola, cujo retrato reproduzimos na nossa edição de domingo último, tomou ao seus ombros

²²¹ Oficial de artilharia do exército francês acusado de traição no ano de 1894. Foi condenado, mas provou-se a inocência. O processo de julgamento foi baseado em fraude. É considerado um dos maiores erros judiciais pelos especialistas. Para maior entendimento ver: ZOLA, Émile, BARBOSA, Rui e LÍSIAS, Ricardo (Org. e tradução). Eu acuso! O processo do Capitão Dreyfus. São Paulo: Hedra, 2007.



30 ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

a reabilitação deste infeliz e o público tem sido testemunha das peripécias interessantes que acompanharam essa luta, que arrastou ao banco dos réus, o primeiro romancista da actualidade²²²

O desenho que acompanha a nota é bastante nítido e de qualidade superior ao estampado no ano anterior do Barão de Manáos. Além desse avanço na qualidade do desenho, o jornal externa que os leitores estavam interessados no desfecho do caso ao afirmar que “o público tem sido testemunha das peripécias” que permearam o caso.

Os dois exemplos descritos demonstram que as imagens ainda são “artesaniais”, ou seja, reproduções por processos anteriores a fotografia, como a litografia e desenhos feitos a “bico de pena”.

Cabe um olhar atento, ao que ou quem é veiculado. Ainda analisando os dois exemplos propostos, percebemos que o uso de imagens é restrito para representar personalidades, políticos ou pessoas da classe mais abastada. Nos exemplos, um é claramente utilizado para a promoção de uma pessoa pública, no caso o Barão de Manáos, no segundo, uma notícia que trata de pessoas de outro país. Isso corrobora para as questões ligadas a necessidade que as pessoas locais tinham em se aproximar da França, seja por meio dos costumes e hábitos, seja por meio de manter-se inteirados do que era notícia por lá.

No jornal *Commercio do Amazonas* é perceptível a partir do ano de 1898 a contumácia em pelo menos, uma das edições, utilizar essa fórmula: estampar a imagem de uma personalidade acompanhada de um texto que descreve os grandes feitos ou contribuições para o desenvolvimento, seja ele local, ou do país e/ou cidade de origem do homenageado. Essa estratégia, com raras exceções, era utilizada principalmente nos jornais que circulavam no domingo: “Estampamos hoje, em nossas columnas, o retrato do grande estadista americano MAC-KINLEY, actual presidente da república dos Estados Unidos da América do Norte. Esse grande home...”²²³. O que se segue é um desfile de elogios a pessoa do presidente e suas contribuições para o Estado Americano, colocando em destaque sua figura de grande estadista, mas que sofria as críticas da oposição por suas medidas protecionistas. O jornal local critica a postura dos jornais americanos, que tornaram alvo de caricaturas, a figura do “grande estadista”.

²²² *Commercio do Amazonas*. 26 de junho de 1898, p.1.

²²³ *Commercio do Amazonas*. 3 de julho de 1893, p. 1.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Diante do exposto, nota-se que esses retratos passam a ser parte da notícia, não sendo somente um elemento a mais na página do jornal. Isso irá se intensificar quando for possível, por meios mecânicos a reprodução de fotografias junto aos textos publicados, conforme adianta Marialva Barbosa:

A ilustração passa a integrar a própria notícia, com a publicação de fotografias que reproduzem o momento da tragédia. Nas matérias policiais publicam sempre o retrato do assassino e da vítima, sendo a foto invariavelmente da cena do crime. Mas não são apenas as notas policiais que merecem o destaque e a sensação de veracidade da fotografia: os grandes homens, os grandes feitos, o desenvolvimento e o progresso de nossos navios são reafirmados pela imagem fotográfica²²⁴.

Mas, nem sempre o retratado era considerado “um grande homem”, e o uso de sua imagem na notícia servia para torná-lo alvo não da admiração, mas do deboche. Era o caso do senhor Guido de Souza: “Estampamos hoje o retrato do ex-chefe de Segurança do Estado, o cidadão que trouxe por muito tempo impressionado o espírito publico desta terra. Estamos certos que a população de Manáos nos agradecerá esta surpresa”²²⁵.

Qual fora o pecado de Guido de Souza para merecer tal tratamento, depois da demissão do cargo público? Talvez a resposta mais coerente possa ser encontrada na “Columna Echos do Dia”.

Em destaque na coluna se lê: “Importante: a exoneração do Chefe de Segurança”. O texto informava da exoneração de Guido de Souza e da nomeação do substituto que é “íntegro e honesto magistrado desembargador”. A notícia segundo o redator:

Esta notícia propagada nos boletins pelo nosso jornal foi recebida com geral agrado pela população e ás pêssoas que paravam para ler o boletim affixado a nossa porta vimos espontaneamente brotar-lhes dos lábios significativa phrase: ‘Não temos mais illuminação apagada!’. Sem comentários²²⁶

Infere-se que tal situação era fruto de disputas políticas, tendo em vista que, na semana seguinte, mais uma vez é estampada a figura de Guido de Souza, que é chamado de “O empestado”. Dessa vez, dava-se a notícia do não embarque de Guido de Souza, sendo a fonte do jornal “vozes do povo” que para este era a “voz de Deus”.

²²⁴ BARBOSA, Marialva. História Cultural da Imprensa – Brasil: 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 43.

²²⁵ Commercio do Amazonas, 31 de julho de 1898, p. 1.

²²⁶ Commercio do Amazonas, 31 de julho de 1898, p.1.



30 ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR



Commercio do Amazonas, nº 249
Manaus, 4 de agosto de 1898.

O embarque, que não aconteceu, se deu um dia antes da renúncia do agora, ex-governador do Estado, Fileto Pires, que também foi alvo do jornal, sendo acusado, de forma análoga ao que ocorreu com Guido de Souza, de “agitador do espírito público”, e que por isso o jornal, além de expor a figura de Fileto Pires, reafirmava seu papel:

Jornal popular e moderno o *Commercio do Amazonas*, não se pôde furtar ao interesse que tem a população em conhecer os indivíduos que por qualquer principio, agitam o espírito público. E esse o movel que nos obriga a estampar no momento presente, em nossa columnas, o retrato do ex-governador do Amazonas...²²⁷

²²⁷ *Commercio do Amazonas*, 02 de agosto de 1898, p.1.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

Segundo consta no jornal, Fileto Pires não correspondeu as expectativas depositadas em sua pessoa, tendo inclusive, perdido o apoio do partido que o levou ao posto de comando do Estado. Mesmo criticando, a matéria elogia a inteligência do ex-governador, por ele ter renunciado ao cargo no momento oportuno.

Mais do que informar sobre os acontecimentos do cenário político, era necessário dar rostos a estes atores. Retornando aos acontecimentos pelos quais passou Guido de Souza, o depoimento que o jornal utiliza como exemplo da satisfação popular diante da exoneração, demonstra que o ex-secretário gozava de uma impopularidade entre os seus pares e moradores e que sua demissão, conforme se lê, era esperada pela população, que não mais andaria às escuras na cidade.

As notícias começam a ganhar uma nova roupagem. Era necessário que o jornal começasse a deixar para trás seu feitio sisudo e monótono, era preciso vislumbrar novas possibilidades de lucro e distinção no seu meio de atuação. Era chegado o tempo em que a informação se daria pela imagem²²⁸.

No limiar do novo século, vê-se uma disputa pela notícia, segundo Marialva Barbosa “(...) os jornais diários mais populares utilizam as ilustrações como representação privilegiada da vida urbana. Nestas páginas, observa-se uma espécie de redefinição do olhar que passa a existir no início do século XX”²²⁹.

Considerações finais

Apesar da fotografia ainda ser apenas item de venda de produtos e serviços nos anúncios do jornal, percebemos uma importante mudança na direção de modificações na construção das notícias.

É manifesto que o uso dos desenhos elaborados por técnicas que antecedem a inserção de fotografias, ainda se restringe às grandes personalidades. Homens que são tomados como sendo “grandes”, para o qual a cidade ou até mesmo a humanidade (quando o retratado é reconhecido mundialmente, como no caso de Émile Zola), é devedora de seu trabalho, por ter se beneficiado dele.

²²⁸ MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2. ed. – São Paulo: Summus, 1988, p. 67.

²²⁹ BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa – Brasil: 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 31.



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

A utilização dos retratos também era um meio para tornar pública a face de figuras que, certamente, o *grosso* da população desconhecia. Nesse caso, tratavam-se de desafetos políticos concorrentes, como exemplo, há o incidente de Guido de Souza e o seu não embarque para fora do território do Amazonas.

Percebe-se que a figura masculina é privilegiada nessas publicações. No ano de 1898, o *Commercio do Amazonas* publicou 13 retratos. Destes apenas dois eram de figuras femininas, o primeiro era da “Rainha Regente de Hespanha: A gravura que proporcionamos aos nossos leitores é cópia fiel dum recente retrato da viúva de Affonso XII, a actual rainha regente desse povo heroico”²³⁰. A Rainha Regente recebia elogios por sua postura firme na defesa do território que nas “Antilhas provoca a cubiça do grande leopardo americano”.

A segunda imagem feminina que é estampada é a de Nossa Senhora da Conceição. Mas isto já era esperado, tendo em vista que esta edição circulou no dia em que se comemora o dia desta santa²³¹, que nos dias atuais é a padroeira da cidade de Manaus.

Diante do exposto, é inteligível que os jornais somente faziam usos das ilustrações para elogiar os aliados e depreciar os desafetos. As mulheres aparecem nesse final de século muito raramente e quando tem sua figura exposta é porque são possuidoras de riqueza e poder, no caso da Rainha da Espanha, era a titular de uma grande potência nesse período, no caso da santa, era alguém que estava no céu, e acreditava-se ser possível alcançar milagres por meio dela.

Os homens e as mulheres comuns, trabalhadores do cotidiano assim como, os acontecimentos que se davam no calor das ruas ainda não recebem ilustrações no jornal. Somente com a introdução da fototipia, meio pelo qual será possível reproduzir fotografia é que a construção da notícia sofrerá um impacto antes nunca visto. Quando esta possibilidade for real, os fatos da rua tomarão forma e serão reproduzidos no calor do acontecimento. Crimes, vítimas e criminosos começarão a ganhar as primeiras páginas. Valendo-se dessa capacidade, novos rostos tomarão forma e novas imagens da cidade se formarão.

Referências bibliográficas

²³⁰ *Commercio do Amazonas*. 10 de julho de 1898, p. 1.

²³¹ *Commercio do Amazonas*. 8 de dezembro de 1898, p. 1.



**30º ENCONTRO
REGIONAL NORTE
DE HISTÓRIA DA MÍDIA**

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa – Brasil: 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FREIRE, José Ribamar Bessa et al. (orgs.). **Cem anos de imprensa no Amazonas (1851-1950)**. 2ª edição. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1990.

JOLY, Martine. **Introdução á análise da imagem**. Tradução: Marina Appen Zeller – Campinas, SP: Papirus, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

LIMA, Solange Ferraz de. “O circuito social da fotografia: Estudo de Caso – II”, *in*

FABRIS, Annateresa (orgs.). **Fotografia: usos e funções no século XIX**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

MACHADO, Arlindo. **Alusão Especular: Introdução à Fotografia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2. ed. – São Paulo: Summus, 1988.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Notas sobre a Imprensa Oficial do Estado do Amazonas (fac-similado)**. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto. Coleção Documentos da Amazônia nº 40, 2001.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. “O espelho francês na ‘Paris das Selvas’”, *in* VIDAL, Laurent e LUCA, Tania Maria de. (Orgs.), **Franceses no Brasil: Séculos XIX – XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, pp. 271-288.

ZOLA, Émile, BARBOSA, Rui e LÍSIAS, Ricardo (Org. e tradução). **Eu acuso! Processo do Capitão Dreyfus**. São Paulo: Hedra, 2007.



Linguagem visual: Prolegômenos de um diálogo entre fotojornalismo e patrimônio cultural.²³²

Tatiane Pereira RAMOS²³³

Maurício ZOUEN²³⁴

Resumo: Pretendemos neste artigo dar início a um possível diálogo entre fotojornalismo e patrimônio cultural, de maneira que os termos em si contenham a capacidade de encontrar na mente interpretadora de cada receptor, a polissemia de seus significados. Diante dos conceitos de linguagem encontramos na linguagem visual a base para propor uma relação iconológica, um relato histórico de pesquisadores que produzem materiais para análise da imagem, entre a ação jornalística por meio da fotografia e a fotografia enquanto ferramenta que ampare a reflexão sobre patrimônio de um local, possibilitando aos moradores de determinada região ter acesso aos seus antepassados por meio das imagens e provocando-o a preservar a história do desenvolvimento de sua cidade e suas origens.

Palavras-chave: linguagem visual, fotografia, patrimônio

Linguagem visual

Uma das principais características da percepção visual é a linguagem visual, com ela podemos denotar a representação de uma imagem nos aspectos físicos, indicando a existência de algo, e icônico, advertindo uma semelhança do objeto retratado. Podemos encontrar essa linguagem nos objetos materiais ou mentais, pois as imagens oníricas também transmitem sentimentos e informação.

Quando estamos estudando, lendo certos conteúdos, nos deparamos com a linguagem visual o qual nos proporciona melhores condições de aprendizado quando comparado a estudos só com os sons, isso sem relacionar a leitura com acompanhamento de áudios - nesse caso a finalidade do estudo obtém melhor êxito. As cores também são linguagens com as quais nos comunicamos, principalmente no trânsito, os artefatos encontrados nos museus são materiais que nos remetem a um passado podendo ou não fazer parte da história de uma pessoa, determinado grupo ou até mesmo nação.

Os materiais visíveis dentro do museu, como machadinhas, cocares, flechas, são

²³² Trabalho submetido ao GT Audiovisual no 3º Encontro Regional Norte de História da Mídia – Boa Vista, RR – 10 e 11 de abril de 2014.

²³³ Graduanda em Comunicação Social / Jornalismo na Universidade Federal de Roraima – UFRR

²³⁴ Orientador



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

objetos pertencentes a uma determinada etnia indígena com uma cultura, costumes e rituais de um tempo remoto, diferentes de outras etnias indígenas existentes no século XXI. Existem materiais que representam uma cultura imaterial pertencente a uma população, a cargo de exemplo têm-se as peças de saias de palha, artefatos palpáveis que representam a cultura imaterial de um povo, como a dança parischará. Com estes e diversos itens que encontramos nos museus temos uma ideia do quanto era importante para os indígenas tais materiais, mas muitas vezes não nos damos conta a carga de significados que esses objetos podem transmitir ao observador. Mas através de estudos conhecemos os materiais utilizados na fabricação desses utensílios tais como a machadinha, flechas, cocares e etc. Assim aconteceu com a linguagem na pré-história quando os homens apenas se comunicavam por meio das imagens, a linguagem visual tem um papel fundamental na comunicação entre indivíduos as... “Imagens têm sido meios de expressão da cultura humana desde as pinturas pré-históricas das cavernas, milênios antes do aparecimento do registro da palavra pela escrita”. (SANTAELLA e NÖTH, 2012, p.13).

Depois da visão, a audição é o segundo sentido mais importante para a percepção, o que evidencia o grande número de signos visuais e sonoros criados pelo homem ao longo de sua história. Por outro lado, a forte presença da visão na percepção fez com que, em boa parte, os estudos neste campo fossem dirigidos à análise da visão, ou melhor, entre objeto observado (...) (GOMES, 2005).

Com a percepção somos capazes de analisar nas imagens o contexto histórico, político, social e econômico vivido num certo tempo, e nesses aspectos encontramos os estilos pictóricos desenvolvidos por renomados artistas, indicando o século em que suas pinturas foram elaboradas e instruindo a observar o que condizem certos detalhes da imagem, surpreendendo o observador com os seus significados. A esse contexto a forma de visualização é representativa quando ...

Estando em nível de terceiridade, as formas visuais representativas ou simbólicas são muito instrutivas para se compreender o modo como a terceiridade embute a secundidade e esta, a primeiridade. (SANTAELLA, 2005, p. 247).

No livro “Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual e verbal”, a autora instiga o indivíduo a conhecer o estilo de vida da época no qual a imagem foi produzida, obtendo a interpretação dos elementos que nela se apresentam mesmo quando na imagem



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

mostrar caráter abstrato. É possível chegar ao resultado das significações a partir do conhecimento anterior nos costumes da cultura a ser verificada no objeto de estudo, sendo assim, uma forma de definir o sentido de cada informação que a imagem apresenta. Com esses estudos o observador está imbuído de conceitos característicos dos modos de vida existentes naquele momento tidos como regra, representando a tradição de uma cultura simulada através do objeto visualizado por nós. Isso confirma a existência de algo presente ao olhar do pintor, escultor ou fotógrafo ao qual explanou seu trabalho num dispositivo tendo como inspiração o modelo de paisagens mortas ou pessoas presentes no instante de elaboração da obra.

Com os aspectos estéticos, valores e princípios notados em uma imagem, é possível perceber a pretensão do pintor quando transmite suas idéias, seu ponto de vista, suas crenças e ideologias por meio das formas, traços, curvas, cores, movimentos e etc., pois esses elementos refletem na obra quando com ela nos encontramos, isso no primeiro momento, e contemplando os detalhes somos impactados com um sentimento que a imagem nos proporciona e damos a ela um valor um significado um sentido.

Esses sentimentos de admiração, surpresa, repulsa e etc., observados nas imagens de pinturas, esculturas ou aquarela são semelhantes aos da fotografia quando registra algo, pessoas, lugares, enfim. O pintor busca reproduzir com lealdade imitando por intermédio do registro o que está diante dos seus olhos através dos detalhes, tornando assim um “registro imitativo” conforme...

Exemplos de “Registro imitativo” podem ser encontrados ainda nos desenhos, gravuras, pinturas e, sobretudo, esculturas realistas. Nestes casos, a função mimética da imagem é acentuada, pois o artista busca reproduzir o objeto em todos os seus detalhes com o máximo de fidelidade. (SANTAELLA, 2005, p. 233).

Quando o artista busca retratar uma figura com exatidão, nela está contida uma relação de costumes peculiares, e o observador está ligado à tradição de antepassados representada pela imagem visualizada, ligado de forma que as indagações perante o seu olhar são respondidas pelos estudos e pesquisas densas, culminando na mediação do indivíduo com o objeto, respondendo até mesmo as interrogações imateriais existentes dentro do contexto de uma determinada cultura na análise da imagem, do lado da outra face que é o objeto de pesquisa. Essa outra face representada na imagem pelo pintor



30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

determina a situação de uma idéia no tempo real vivido pela personagem da época, apresentando- se imediatamente ao observador e em segundo momento a prova existencial da presença de alguém ou alguma coisa diante do artista por meio do dispositivo emoldurado, nesse caso, a pintura.

Cada artista tem uma maneira de transmitir suas mensagens através das suas obras de arte, dentro das análises realizadas nas leituras de imagens profissionais relacionados à área das ciências humanas empregam as pinturas como forma de comparar um estilo de vida em diferentes épocas, para levantar questões ou até mesmo instigar uma população a cerca de um tema podendo elencar opiniões do modo de vida empregado a um ser humano. O historiador social Philippe Aries (1914-1984) no ano de 1962 (BAUER E GASKELL, 2000) empregou pinturas para retratar a questão de um estilo de vida infantil.

(...) Aries mostrou como as crianças estavam vestidas com os mesmos tipos de vestimenta dos adultos, como elas eram representadas sem a inocência que nós atribuímos hoje às crianças, e como elas participavam de cenas adultas de entretenimento, como apoio a seus argumentos baseados no texto. Isso pode ser qualificado como um primeiro emprego dos mais imaginativos e influentes da evidência visual na pesquisa da ciência social. (BAUER E GASKELL, 2000, p. 138, 139).

Essa forma de análise é mais real quando nos deparamos com fotografias representando um modo de viver de pessoas sujeitas a condições de vida desumanas. Ao contrário do que acontecia com as pinturas, onde as pessoas posavam para serem retratadas, os fotógrafos vão além das poses e buscam ser perspicazes ao fazerem ângulos e enquadramentos que testemunham muitas vezes fatos desconhecidos pela sociedade.

Temos referências de vários fotógrafos: Humphrey Spender (1910-2005), que adotou a fotografia como forma de ativismo social na Inglaterra (HACKING, 2012), Lewis Hine (1874-1940), Sebastião Ribeiro Salgado Júnior (08/02/1944) e outros que elucidam as questões de trabalhos escravos e de diferentes grupos sociais na luta por melhores condições de vida. Esses fotógrafos representam por meio das imagens o cotidiano dessas desventuradas pessoas que vivem e trabalham em condições precárias.

Lewis Hine foi um fotógrafo decidido em trilhar outro segmento no campo da fotografia, de acordo com (HACKING, 2012), um segmento que retratasse outras pessoas de diferentes classes sociais na época dos primeiros anos do século XX. Enquanto uns procuravam com o crescimento da indústria moderna fazer imagens que retratassem efeitos